

**GEOGRAFIA E FORMAS DE CONHECIMENTO: análise crítica
de dois estudos sobre migrações na literatura alemã ***

Dieter Heidemann

Este artigo trata de dois estudos elaborados, um por BARTELS (1968) e outro por SCHRETTENBRUNNER (1971), que representam duas correntes da atual Geografia alemã. O trabalho de BARTELS, "Trabalhadores turcos da região de Esmirna", elaborado no âmbito da Geografia Quantitativa e o de SCHRETTENBRUNNER, "Migrações de trabalhadores estrangeiros: exemplo de uma aldeia calabresa", dentro da Geografia Social.

A discussão crítica desses estudos geográficos sobre a problemática do trabalhador estrangeiro na Alemanha, também chamado de trabalhador-hóspede, deve partir do questionamento dos fundamentos teórico-científicos de seus autores, analisando-os nos limites de seus pressupostos. Assim, o objetivo não é considerá-los a partir de um ponto de vista "externo", dogmático, mas mostrar as contradições, tautologias e a incapacidade de realizar suas pretensões iniciais.

Em seu estudo, que trata de uma diferenciação histórico-espacial das causas determinantes das decisões de emigrar, BARTELS propõe-se à tarefa de:

"esclarecer, do modo o mais plausível possível, as observações recebidas relativamente à origem dos trabalhadores-hóspedes provenientes da Turquia Ocidental, no quadro de uma teoria das migrações através de certos determinantes." (BARTELS, 1968 a, pág. 310)

BARTELS afirma, assim, que a simples observação do objeto de estudo não é suficiente para o seu esclarecimento e conhecimento. Nessa formulação revela saber o que é a realização de conhecimento, pois parte da idéia

* Agradeço a colaboração dos professores Betty von Rabs e Charlton Sinke na versão portuguesa.

de que a essência e a aparência não são a mesma coisa e que não se deduz a essência do objeto pelas simples "fixação animalesca do mundo" (HEGEL, 1970a, pág. 221), mas pela reflexão. O objetivo da ciência é conhecer as coisas encontradas tais como elas realmente o são. A percepção deve ser elaborada a fim de superar o antagonismo subjetividade/objetividade. BARTELS, falando sobre o esclarecimento das coisas observadas, parece concordar com a opinião de que:

"somente através de uma transformação, a natureza verdadeira do objeto chega à consciência." (HEGEL, 1970b, § 23)

A identidade do objeto se deduz da atividade subjetiva da consciência.

Por outro lado, na afirmação citada anteriormente, parece que BARTELS não se julga suficientemente capaz e tenta limitar-se a um esclarecimento, "o mais plausível possível". Esta modéstia deve ser questionada porque, no fundo, toca-se aqui na problemática da ciência pluralista, a qual depende da ênfase que cada cientista prefere dar. Segundo ela, os métodos científicos são criações subjetivas. Expressões como "o mais possível", "por um lado . . . mas por outro", etc., tornam-se, então, expressões científicas "standard":

"Embora interpretando a diferenciação espacial das proporções de pedidos de entrada principalmente como um fenômeno de informação, uma série de outras formas complementares de elucidação não devem ser ignoradas." (BARTELS, 1968a, pág. 320)

Resta analisar como BARTELS quer chegar a um processo de conhecimento. Ele entende por teorias

"sistemas maiores de afirmações gerais de características cognitivas que, em primeiro lugar, possuem uma coerência interna de seus elementos e/ou, em segundo lugar, são operacionais para a observação." (BARTELS, 1970a, pág. 452)

As "observações recebidas", que para BARTELS são problemas singulares típicos, no estudo em questão, são as migrações que

" nunca foram tão precisamente controladas como agora, devido aos acordos binacionais e, por isso, podem ser radiografadas com exatidão. " (BARTELS, 1968a, pág. 314)

Ele parte da idéia de que a observação depende sempre da participação espontânea e ativa do objeto do conhecimento e pretende dar, ao menos a ela, uma forma rígida:

" A observação científica deveria ser entendida como a percepção e a reprodução da experiência de modo sistemático e preciso, controlando-se sua validade geral " (BARTELS, 1968b, pág. 20)

Além disso, BARTELS exige um direcionamento dos atos da observação. Ultrapassando, desse modo, o grau da observação imediata, ele segue os modernos empiristas das ciências sociais:

" O conhecimento não começa com a percepção ou a observação ou ainda a coleta de dados ou de realidades. A observação transforma-se somente em uma espécie de ponto de partida, se é uma observação no seu sentido original, isto é, a observação que dá origem ao problema. " (POPPER, 1972, pág. 104)

BARTELS apresenta também um instrumental com que se devem realizar as observações científicas:

" Todas as nossas observações singulares reproduzem fatos que nós vemos e interpretamos como objetos e características desses objetos. Os objetos apresentam-se como singulares, como grupo ou como complexos; às características pertencem atributos que fazem parte dos objetos e das relações que são percebidas como existindo entre os objetos e seus atributos. Uma forma de atributo é, ao lado das características pragmáticas no sentido mais amplo, a localização das coisas no espaço e no tempo, sua posição que quase sempre acompanha a descrição de uma

observação. Uma forma especial de relações é a distância espacial e histórica da qual resultam as amostras espaciais e uma seqüência histórica, eventualmente com transições e conjunções dinâmicas para um movimento histórico-espacial. " (BARTELS, 1970b, pág.15)

Assim, para BARTELS, o "observador científico" decompõe o objeto concreto em elementos abstratos. Esses elementos abstratos são considerados como diferentes particularidades dos objetos, que ganham, assim, a forma de uma determinação abstrata. A "cientificidade da observação" ultrapassa os objetos percebidos de imediato. A identidade de objeto deve estar nas suas particularidades tomadas separadamente. Desse modo, o que a observação científica exige apresenta-se como um círculo vicioso: a ciência identifica o objeto de modo que a sua natureza coincida com aquilo que é resultado do pensamento. Isso é resultado de um método que, para explicar, divide e compartimenta a observação; o que pressupõe o conhecimento.

Na pretensão de conhecimento que BARTELS exige para seu trabalho científico, aparecem certos determinantes. A realidade a ser explicada, a origem dos trabalhadores turcos, decompõe-se em dados quantificáveis, sendo que, em princípio, todos eles devam ser considerados. O conjunto das particularidades abstratas, em si, não possui nenhuma estrutura; essa será possível através do método ordenador:

" Aplicando isso na nossa questão concreta, pode-se falar, com relação às tomadas de decisão para sair dos requerentes de trabalho-hóspede, numa pura análise de probabilidades, baseando-se na literatura existente, dos seguintes grupos de elementos determinantes diretos:

$$\left[\frac{Mr}{Br} = f : (L_r, W_r, G_r, T_r, I_r D) \right] \text{ (BARTELS, 1968a, pág. 317)}$$

O número de requisitantes de trabalho, M , da área pesquisada, r , relacionada ao montante da população, B_r , é uma função de L_r , estrutura do ciclo vital; W_r , o conjunto das relações econômicas; G_r , a tendência migratória específica; T_r , os custos do transporte; e, principalmente, I_r^D , a informação sobre a Alemanha.

Essa função BARTELS formula de acordo com a concepção segundo a qual o dever das ciências experimentais é:

“fornecer explicações e diagnósticos satisfatórios da realidade, através de uma representação logicamente ordenada da sua experiência” (BARTELS, 1968b, pág. 27)

Comprova-se a representação logicamente ordenada com a ajuda do silogismo, a lógica dedutiva, e, no caso desse trabalho, dentro de um sistema, pois as estruturas ampliaram-se para relações complexas e multifuncionais.

“ Leis funcionais não apenas afirmam uma analogia de a e b mas, ao mesmo tempo, uma relação permanente de modificações, uma relação funcional de quantidades variáveis. ” (BARTELS, 1968b, pág. 34)

A insuficiência desse procedimento não está, como BARTELS acredita, na falta de material disponível. É preciso provar a limitação geral do Conhecimento do objeto que também o autor já postula, ao dizer que as leis funcionais, na maioria dos casos, apenas são verdadeiras entre certos valores extremos de suas variáveis e que

“ deve-se, em caso de dúvida, indicar os limites de seu espectro de validade ” (BARTELS, 1968b, pág. 34)

“Isso mostra, finalmente, as possibilidades limitadas da constituição e conjunção de leis funcionais para estruturas gerais. ” (BARTELS, 1968b, pág. 35)

O método ficou separado do objeto. Assim, para BARTELS, o Conhecimento não passa de uma simples comparação entre afirmações subjetivas e um objeto não tocado pelo pensamento. No uso da lógica formal, um produto do pensamento ganha forma de natureza. Mais explícita do que BARTELS, a cibernética expressa que negligencia a determinação do objeto do Conhecimento científico:

" Pode-se imaginar que, no fim do nosso século, as (então ' modernas ') ciências humanas serão caracterizadas pelo fato de que não se falará mais do Espírito e seus derivados, mas sim, dividir-se-á os seus componentes e assim se os " desespirtualizará " para uma sistemática de informações e processos informáticos. Essa ciência humana não será mais uma ciência humana filosófica e sim uma ciência cibernética" (CUBE, 1967, pág. 287)

Como empirista, BARTELS aproxima-se dessas idéias e procura, em seus trabalhos científicos, corresponder às reflexões cibernéticas,

" pois os aspectos da teoria moderna de informação e comunicação mostraram-se férteis " (BARTELS, 1968a, pág. 318)

O determinante I_r^D torna-se centro de sua pesquisa. Diferenciando-se a informação sobre a Alemanha em informação pública, através da imprensa, da rádio, da televisão, etc., e informação particular, através de amigos e parentes e, ainda, um terceiro potencial especial de informação, que se relaciona com as informações dos trabalhadores atualmente na Alemanha ou que de lá regressaram. Do modo como BARTELS interpreta a divulgação das decisões de emigração, essas informações sobre a Alemanha são os suportes dos fenômenos de inovação. Dessa maneira, a diferenciação espacial das relações de requisição de trabalho pelos trabalhadores turcos é interpretada

" principalmente como fenômeno de informação. " (BARTELS, 1968a, pág. 320)

Com base em uma noção de comunicação e informação que junta todas as relações de vários objetos, procura-se apresentar leis gerais. A generalidade que alcança BARTELS em seu estudo é apenas fictícia. Na aparente ampliação da noção de informação está, na verdade, uma redução, ou seja, uma modificação do objeto. BARTELS examina apenas relações, ordens e estruturas que existem em objetos naturais, entre as quais não há nenhuma coerência interna. Assim, na aplicação desses resultados em forma de "Espírito", eles tornam-se mecanismos. Assim, a tentativa de chegar ao Conhecimento frustra-se. Uma insuficiência que não se resolve com a ajuda da eliminação das dimensões semânticas. A matematização da linguagem, a difusão de uma linguagem de fórmulas matemáticas,

" que é capaz de reproduzir os sistemas de linguagens de todas as ciências experimentais em relação a todas as possibilidades imagináveis de relações formalizadas, de maneira idêntica " (BARTELS, 1968b, pág. 14),

mostra mais uma vez que se entende o Conhecimento como meio. Subjetividade e objetividade serão apenas conciliadas em seu antagonismo; a realidade empírica torna-se o critério da verdade. Ninguém duvida que o computador, fazendo contas, executa operações certas, mas, sua atividade é um processo mecânico à parte, exterior ao processo de Conhecimento. As unidades diferentes: estrutura social e econômica, informação, etc., que são objeto de reflexão, estão conjugadas externamente. Embora a categoria quantidade tenha o seu lugar dentro da ciência, deve negar-se que determinações quantitativas sejam expressão de exatidão científica e não se deve considerar as operações matemáticas como mais do que realmente são: a ação exterior e refletida na qual não se depende da qualidade, de nenhuma determinação da reflexão:

" El esfuerzo consiste especialmente en lo siguiente: mantener firme lo carente de concepto y combinarlo de un modo carente de concepto. El contenido es lo uno vacío . . . Puesto que el calcular es asunto tan exterior y por ende mecánico se han podido fabricar máquinas que cumplan las operaciones aritméticas de la manera más perfecta. Aun cuando se conociera sólo esta circunstancia sobre la naturaleza del calcular, ya estaría allí la decisión de que sería necesario pensar sobre la idea de convertir el cálculo en el medio fundamental de la educación del espíritu y de poner este en la tortura de perfeccionarse transformándose en máquina. " (HEGEL, 1969, pág. 249)

A crítica elaborada para o trabalho de BARTELS pode também ser aplicada ao trabalho de SCHRETTENBRUNNER. Os estudos deste sobre os trabalhadores estrangeiros na Alemanha baseiam-se principalmente em sua tese de doutoramento: "Pesquisa da Geografia Populacional e Social de Trabalhadores Estrangeiros em Uma Aldeia Calábresa", sendo ele um dos representantes da "Escola de Munique" da Geografia Social.

Diz o autor:

" O objetivo geográfico é mais o da análise dos movimentos migratórios do que a pesquisa da distribuição estatística de uma população. " (SCHRETTENBRUNNER, 1969, pág. 380)

Esta afirmação comprova que, para ele, essência e aparência, respectivamente, conteúdo e forma, não são a mesma coisa. A aparência mostra apenas aquilo do que ela é aparência. Só se pode conhecer a aparência através da análise daquilo que faz surgir essa aparência.

SCHRETTENBRUNNER enfatiza que:

" a condição básica para a pesquisa demográfica detalhada seria um sistema estatístico que colecionasse dados na base individual em um período determinado. " (SCHRETTENBRUNNER, 1969, pág. 387)

O material estatístico serve apenas como " mecanismo " (SCHRETTENBRUNNER, 1969, pág. 380) que deveria explicar os grupos sociais e espaciais:

" A superfície da Terra como soma de todas as estruturas e aparências bióticas, abióticas e sociais é apenas ponto de partida da reflexão geográfica. O interesse principal da Geografia Social dirige-se aos grupos sociais, respectivamente à sociedade, na sua atividade espacial " (RUPPERT/SCHAFFER, 1962, pág. 210)

O principal interesse da Geografia Social — de que SCHRETTENBRUNNER considera-se representante — é, então, não a superfície da Terra (essa apenas um ponto de partida), mas os grupos que formam, com as suas atividades, o espaço. A geografia social descreve:

" Os processos que, partindo de indivíduos ou de grupos, resultam em consequências espaciais ". (SCHRETTENBRUNNER, 1974, pág.1)

Esses grupos sociais ou sociedade não serão considerados como

grupos que possuem certos fins, independentes de sua própria determinação, mas sim estudados segundo uma certa característica que é a atividade espacial. Por isso SCHRETTENBRUNNER pergunta, à propósito do grupo social recentemente criado, ou seja, os trabalhadores-hóspedes:

“ Quais são os meios à disposição desses trabalhadores-hóspedes que lhes possibilitem realizar suas noções de valor de relevância espacial? Que estruturas surgirão? ” (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 110)

Os processos e as funções formadores do espaço, já criticados por BARTELS e igualmente estudados sob a perspectiva da Geografia Social, têm o ponto de partida nos grupos sociais. Pressupõe-se que os grupos sociais tenham a função de ser espacialmente ativos e que agem com o objetivo de formar o espaço. Para o grupo social do trabalhador-hóspede, SCHRETTENBRUNNER insiste nesse propósito:

“ Aqui torna-se claro quando esse desenvolvimento terá um significado geral: propriedade imobiliária (terras, terrenos e casas), decisões de poder e interferências no planejamento dos grupos sociais que já se estabeleceram ou, como no exemplo dos trabalhadores-hóspedes, que atualmente criam suas posições e dentre os quais pode-se observar o processo da formação e modificação sócio-geográfica. ” (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 68)

O espaço anteriormente entendido apenas como ponto de partida, torna-se agora característica determinante da pesquisa sócio-geográfica. Sem ser conhecido e determinado, o espaço determina o objeto da pesquisa. Inicialmente, SCHRETTENBRUNNER tinha pressuposto que apenas se entende o espaço analisando os grupos sociais. Depois, leva-se imediatamente o aspecto espaço aos grupos. Os grupos sociais, em nosso caso os trabalhadores-hóspedes, não são mais o objetivo, mas o espaço em que eles interferem. Isso tem como consequência a formulação de certas questões nas pesquisas sócio-geográficas:

“ O princípio fundamental da Geografia Social deve ficar claro em todas as pesquisas. Qual seja, o de fornecer as provas das estruturas espaciais das atividades humanas existentes. Pesquisar as causas da sua formação e modificação, elaborar modelos sócio-espaciais e compro-

vá-los empiricamente. " (SCHRETTENBRUNNER, 1964, pág. 3)

Se o objetivo da pesquisa é conhecer "as estruturas espaciais das atividades humanas", isto é, estruturas sócio-espaciais, dever-se-ia, primeiramente, pesquisar a estrutura social e, em seguida, a repercussão dessas estruturas no espaço, isto é, as conseqüências do fato social no espaço.

Aqui, deparamo-nos com uma dificuldade: a Geografia Social explica a sua função através de seus portadores, os grupos. A noção de grupo define-se assim:

" Pesquisando grupos e comportamentos relevantes para seus espaços temos que analisar as especificidades dos grupos singulares, isto é, suas características e seus modos de comportamento. No caso de uma preponderância econômica sobre os modos de comportamento, então ela terá importância para a pesquisa referida. " (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 66)

A função é definida pelo grupo que, por sua vez, já foi definido pela função:

" Dependendo do campo da função geográfica a pesquisar, devia realizar-se correspondentemente uma determinação de grupos relativos ao problema. Em questões de Geografia da População, faz-se bem em escolher grupos de um determinado comportamento generativo." (RUPPERT/SCHAFFER, 1969, pág. 211)

Assim, segundo a Geografia Social, os grupos explicam o espaço, mas eles mesmos já são determinados espacialmente. Isto é, o espaço determina o social e o social determina o espaço. O que deve ser explicado já faz parte da explicação e o resultado é que o espaço explica o espaço.

Os geógrafos sociais não cumprem, pois, a sua pretensão de superar a aparência imediata. A relação no espaço sócio-geográfico, que é uma abstração, será personificada pelo grupo. Por exemplo:

" pelo grupo dos trabalhadores hóspedes e tornar-se-á

assim uma noção concreta. (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 69)

E os limites do espaço sócio-geográfico:

" serão determinados por meio de específicos modos de reação dos grupos sociais que desenvolvem a sua função de ser dentro de uma área. Ao mudarem-se os campos de reação, de comportamento e de função dos grupos, modificar-se-ão forçosamente as dimensões do espaço sócio-geográfico . . . A mudança dos espaços sócio-geográficos, principalmente das estruturas, não se realiza com a mesma velocidade, ou até na mesma fase, da mudança dos fenômenos sociais . . . Com a criação de 'locais funcionais', isto é, com todos os seus investimentos espaciais, a sociedade limita, de maneira considerável, as suas liberdades de reação . . . Essa consistência espacial da infra-estrutura cria, ao mesmo tempo, uma resistência estabilizadora às tendências de mudanças que se originam somente do social. " (RUPPERT/SCHAFFER, 1969, pág. 211)

Aqui também confunde-se causa e consequência. Inicialmente, o espaço sócio-geográfico era determinado pelos processos sociais; depois, houve uma inversão dos termos: o espaço cria resistências contra os processos sociais. Consegue-se isso apenas com o atributo "espacial", pois a consistência da infra-estrutura é espacial, já que tudo se realiza no espaço mas não é determinado pelo espaço. Fala-se vagamente das causas econômicas, ao considerarem-se os investimentos. Mas não se resolve assim a relação entre o social e o espaço, entre os processos sociais e a forma espacial da sociedade.

Como já se examinou no trabalho de BARTELS, necessita-se, também no trabalho do SCHRETTENBRUNNER, de uma análise do aspecto funcional. Na Geografia Social, a expressão da existência do Homem inclui círculos funcionais, funções básicas de existência, que têm posições de igualdade. Todos devem ser considerados, isto é, devem ser tratados igual e isoladamente.

O objeto em si, a sociedade, não determina uma valorização. Existem apenas relações de dependência entre as funções singulares. Essa depen-

dência, sem ser resultado do objeto, será introduzida pelos cientistas exteriormente, isto é, a relação é um resultado do ponto de vista do cientista. O Cientista escolhe um aspecto, uma função e coloca-a em relação às outras. É o cientista que determina a valorização. SCHRETTENBRUNNER relaciona, na sua pesquisa do grupo social de trabalhadores-hóspedes, as funções "trabalhar" e "morar":

" O ponto de partida para essa pesquisa era a procura das causas dos novos e acentuados investimentos sob a forma de bairros com casas em construção e recém-construídas. " (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 109)

O geógrafo analisa, por um lado, a função "trabalhar" e considera todas as outras funções, como por exemplo "morar", "educar", como dependentes da função "trabalhar". A igualdade de tratamento é garantida pelo fato de considerar-se, em um outro momento, o problema a partir da função "morar". Em um caso "morar" é uma dependente de "trabalhar": $\text{morar} = f(\text{trabalhar})$. Noutro caso, "trabalhar" é uma dependente de "morar": $\text{trabalhar} = f(\text{morar})$. O "morar" determina o "trabalhar" e o "trabalhar" determina o "morar".

Ao chegar nesse círculo vicioso, acaba-se com a possibilidade do Conhecimento. "Morar" e "trabalhar", funções que os cientistas conseguem por meios empíricos, aparecem como funções interligadas exteriormente. Não se permite uma valorização, isto é, as funções não possuem uma ligação interior. O sujeito, o cientista, correlaciona as funções empíricas e, assim, as funções continuam na sua forma de aparência. Nesta forma de aparência são tratadas e tenta-se explicar uma forma de aparência pela outra. Apesar da exterioridade das funções, espera-se, com esse método, uma abstração do formal:

"Aqui mostra-se quando este desenvolvimento ganha um significado geral" (SCHRETTENBRUNNER, 1971, pág. 68)

É verdade que, dessa maneira, consegue-se um grau de formalidade superior: dada a afirmação de não existência de uma valorização entre as funções básicas da existência, resulta que o objeto a pesquisar não possui uma ligação intrínseca. Essa será apenas criada pelo trabalho do cientista. Assim, trata-se da sociedade como algo que não pode impor certos fins e que não possui nenhum "sentido", mas sim como algo em que fosse necessário que os cientistas introduzissem, do lado exterior, os fins ao objeto.

Como já foi observado no trabalho de BARTELS, também o representante da Geografia Social, SCHRETTENBRUNNER, considera a sociedade como natureza. O objeto sociedade, inicialmente, e explicitamente, diferenciado da natureza, torna-se, no final, todavia, natureza. SCHRETTENBRUNNER continua a falar da sociedade, trata de homens, grupos de homens, que vivem, valorizam e agem em conjunto e se encontram nas suas atividades em uma determinada relação social.

Nós consideramos a relação social como objetivamente determinada, isto é, levamos em conta que existe uma ligação interna, específica, entre os grupos humanos, respectivamente às suas funções básicas de existência. Nos trabalhos criticados, encontra-se uma correlação criada pelos cientistas, exteriormente, relacionando-se formalmente as aparências e chegando-se ao final com a conclusão de que o objetivamente determinado pela sociedade continua desconhecido e que algo desconhecido serve como instrumento.

Quem, como BARTELS e SCHRETTENBRUNNER, afirma que a essência e a aparência, conteúdo e forma, estão ligados intimamente entre si, deve também considerar a determinação objetiva da sociedade, quer dizer, o conteúdo na forma, a essência na aparência. Quem maneja a forma não conhecida, maneja, ao mesmo tempo, a determinação dessa forma. Torna-se instrumento, algo que não se sabe o que é. Assim, o cientista se subordina à determinação do objeto: a sociedade que ele queria conhecer.

O método da Geografia Social, dessa maneira, não consegue conhecer os objetos: "espaço", "sociedade" e "migração de força-de-trabalho", embora pretendendo conhecer o perceptivo sensual na sua forma imediata. Quer se explicar o espaço através da sociedade, definida esta como adição de grupos e suas funções. Pode-se comprovar a contradição de uso da noção de função, pois a maneira isolada de observação das funções chega a uma valorização inicialmente negada; suas interrelações servem como explicação recíproca: quer dizer, não se explica nada. Também a noção de grupo continua contraditória, pois o grupo que serve para explicar a relevância do espaço já foi explicado espacialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTELS, D. (1968a) — *Türkische Gastarbeiter aus der Region Izmir*. Erdkunde, 313-324.
- (1968b) — *Zur wissenschaftlichen Grundlegung einer Geographie des Menschen*, Erdkundliches Wissen, 19, Geographische Zeitschrift.
- (1970a) — *Zwischen Theorie und Metatheorie*. Geographische Rundschau, 451-457.
- (1970b) — *Wirtschafts- und Sozialgeographie*, (ed.) Köln/Berlin.
- CUBE, F.V. (1967) — *Was ist Kybernetik? Grundbegriffe, Methoden Anwendungen*, Bremem.
- HEGEL, G.W.F. (1969) — *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt/Main.
- (1970a) — *Jenaer kritische Schriften*. Frankfurt/Main.
- (1970b) — *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*. Frankfurt/Main.
- POPPER, K.R. (1972) — *Die Logik der Sozialwissenschaften*. In: ADORNO, Th. W., et al., *Der Positivismustreit*, Neuwied.
- RUPPERT, K., SCHAFFER, F. (1969) — *Zur Konzeption der Socialgeographie*. Geographische Rundschau, 9. 205-213.
- SCHRETTENBRUNNER, H. (1969) — *Die Wanderbewegungen von Fremdarbeitern am Beispiel einer Gemeinde Kalabriens*. Geographische Rundschau, 380-388.
- (1971) — *Gastarbeiter, ein Europäisches Problem aus der Sicht der Herkunftsländer und der Bundesrepublik Deutschland*. Frankfurt/Main.
- (1974) — *Socialgeographie für die Schule*. Geographische Rundschau, 2.

RESUMO

Neste artigo, o autor analisa dois trabalhos sobre migrações elaborados em diferentes correntes da Geografia: um dentro da Geografia Quantitativa e, outro, dentro da Geografia Social.

Sem recorrer a um ponto de vista externo, diferente daquele assumido pelo autor de cada um dos trabalhos analisados, mas, ao contrário, partindo dos próprios fundamentos de um e de outro, a crítica elaborada no presente trabalho consegue mostrar contradições, tautologias e a incapacidade de chegarem aos objetivos propostos inicialmente.

RÉSUMÉ

Dans cet article, l'auteur analyse deux travaux sur des migrations élaborés selon différents courants de la géographie: l'un en Géographie quantitative et l'autre en géographie sociale.

Sans recourir a un point de vue extérieur, autre que celui assumé par l'auteur de chacun des travaux analysés, mais, au contraire en partant des fondements mêmes de l'un et de l'autre, la critique élaborée ici arrive à montrer les contradictions, les tautologies, et l'incapacité où se trouvent les auteurs d'arriver aux buts proposés.

SUMMARY

In this article, the author analyses two works about migrations elaborated in different courantes of Geography: one in the Quantitative Geography and the ather in the Social Geography.

Without resort to a external point of view, different from that assumed by the author of each one of the analysed works, but, on the contrary, from the own foundations of one and another, the elaborated criticism in the present work shows contradictions, tautologies and the incapacity of them to reach the objectives initially proposed.

